

## O castelo interior de Shulamit Halevi: busca de raízes em Santa Teresa

Nancy Rozenchan  
Universidade de São Paulo – USP

O poeta mexicano Octavio Paz (p. 172) considera que “o poeta consagra sempre uma experiência histórica, que pode ser pessoal, social ou ambas as coisas ao mesmo tempo”. Este pensamento me levou a ler algumas das poesias de Shulamit Chava Halevi com base em sua experiência histórica pessoal e social. Shulamit Halevi, poeta israelense de Jerusalém, denominou seu primeiro livro, lançado em 1998, de *Hatirá hapnimit – massá liri el hahavaya veel havaiat haanussim* [O castelo interior – viagem lírica à vivência dos cristãos-novos], que leva o título em inglês de *Interior Castle – Poems about being and being coerced*. O livro e sua capa, uma foto da muralha de Ávila, na Espanha, remetem à preocupação central da autora, profunda conhecedora e seguidora das tradições judaicas: os contatos com descendentes contemporâneos de cristãos-novos, quando descobrem ou assumem a sua condição de judeus, seja em Israel, seja na Península Ibérica, no Brasil ou na América do Norte. Este seu interesse e atividade intensa em prol daqueles que buscam suas raízes depois de sofrimentos de gerações, estão consubstanciados em especial em um conjunto de oito poemas, espalhados pelo livro, dedicados a Santa Teresa de Ávila, santa espanhola do século XVI, a quem se atribui uma ascendência judaica, alvo de estudos realizados em diversos países e que, para os descendentes dos cristãos-novos, é considerada uma personalidade judaica maior, uma espécie da bíblica rainha Ester.

Inicialmente, alguns traços de Santa Teresa, antes de passar a uma leitura dos poemas, objeto desta comunicação. Teresa de Jesus, ou Teresa de Cepeda y Ahumada, (1515-1582) foi freira carmelita, reformou e difundiu a ordem das Descalças, que reagiu à Reforma e procurou se purificar de seus costumes mundanos e indisciplinados. Seu papel é de maior destaque na igreja católica espanhola e ocidental; partindo de uma religiosidade de tendência popular, desenvolveu uma intensa atividade de difusão da ordem e aprofundamento das concepções místicas através das obras publicadas e da fundação de mosteiros.

Em seu livro mais importante, *Las Moradas*, de 1577, se encarnou um novo sentido da oração, ascensão e o grau mais elevado do êxtase e da visão. A história dá conta que Teresa de Jesus teve o seu primeiro êxtase aos quarenta e três anos de idade, depois de muitos anos de alheamento motivado por doença. *Las Moradas*, que tem por subtítulo *del Castillo interior*, é o livro doutrinário mais importante de sua época. Segundo os estudiosos, a visão que deu origem à metáfora foi um globo belíssimo de cristal, que Deus lhe mostrou, à maneira de um castelo com sete moradas, sendo que, na sétima, a central, encontra-se o Rei dos céus, com grandíssimo esplendor que ilumina e embeleza todas aquelas moradas, mas principalmente a do centro. Fora, só havia sombras e imundícies. A formosura do globo representava a alma em estado de graça e, quando esta inexistia, o castelo de cristal cobria-se de obscuridade.

A concepção de Teresa neste livro é mística e não foge de concepção semelhante existente na cabala judaica. As sete moradas pertencem a diversos graus de perfeição da alma. A exemplo do que a cabala judaica estabeleceu, estas moradas correspondem a diversos graus da via purgativa, da iluminativa e, por último, da união. Depois de passar pelas agruras nos níveis mais baixos, a alma se desprende das paixões mundanas e atinge o nível onde transcorre “o matrimônio divino e espiritual”; não há aqui mais lembrança do corpo; há a união secreta no centro muito interior da alma, que deve ser onde está o próprio Deus.

Em um outro extremo da criação de Teresa, encontram-se os seus vinte e tantos poemas, em que não é raro encontrar as formas populares espanholas de *villancicos* e *coplas*, escritos para serem cantados e dançados acompanhados de palmas, nos atos de culto religioso celebrados nos seus conventos carmelitas, como manifestação de júbilo na aceitação de tudo por todos. Destes poemas, dois ou três provavelmente nasceram ligados ao transe místico. Conforme registro da autora, em seu *Libro de la Vida*, conclui-se que a poesia era para ela uma atividade espiritual que surgiu como que por inspiração, não da inteligência, mas do sentimento.

Foi justamente este seu livro mais pessoal, o *Libro de la Vida* (1562-1565), o primeiro dos cinco que escreveu (os poemas eram esparsos e foram coletados postumamente) que causou maiores problemas à autora espanhola. Foi por ele que ela se viu em apuros com a inquisição. Pelos arroubos da juventude aí descritos, os quadros luminosos em que o sobrenatural toma forma corpórea, foi denunciada àquele tribunal por uma dama nobre que se tornara sua inimiga. Não foi o único maltrato que Teresa sofreu, pois não lhe faltaram aqueles que não viram com bons olhos a sua atividade. A inquisição, depois de anos de tramitação do processo, a inocentou.

É, entretanto, a partir do sucedido com o avô de Teresa, que vários estudiosos têm se referido aos traços judaicos envolvendo a família desta doutora da igreja. Em 1485, o avô, Juan Sánchez de Toledo, atendendo a um édito conciliatório de graça daquele ano, se apresentou e fez uma confissão “na qual disse e confessou que havia cometido crimes e ofensas numerosas e graves de heresia e apostasia contra nossa santa fé católica”, conforme mencionado nas obras completas de Santa Teresa. Por esta confissão, ele foi considerado reconciliado, assim como o foram os seus descendentes. O sobrenome Toledo, sugerindo a origem da família naquela cidade de população judaica e de conversos, a mudança para a cidade de Ávila, as profissões dos membros da família (principalmente comerciantes), uma denúncia pós-morte contra o tio-avô à inquisição, as trocas de sobrenome e, em particular, o

aborrecimento de Teresa quando se falou de seus ascendentes, a devoção à Virgem Maria por parte de diversos conversos que buscavam nesta figura feminina uma intercessora segundo o modelo da *Shechiná*,<sup>1</sup> a mística a que muitos conversos se voltavam, a pertinência de conversos a ordens religiosas estritas que pareciam garantir uma proteção contra acusações e denúncias através de uma nova identidade, têm conduzido a questão da pertinência judaica a um ponto nodal em estudos de diversos pesquisadores e, mais do que isto, a um apego, por parte de descendentes contemporâneos de conversos, à concepção de que Teresa de Jesus tinha vínculos mais do que familiares com o judaísmo.

Shulamit Halevi, que tem desenvolvido uma árdua missão de identificar conversos e ajudá-los em seu caminho de retorno ao judaísmo, e parte de uma libertação interior sua na sublimação das dores e dificuldades daqueles com quem tem colaborado, escolheu uma forma de diálogo unilateral para, de certa forma, exorcizar os fantasmas que rondam aqueles que agora começam a entender que várias de suas práticas até então ocultas têm um sentido e conduzem à descoberta da nova-velha identidade, muitas vezes ainda envolta em preconceitos.

São oito os poemas que Halevi dedica a Santa Teresa de Ávila: “Santa Teresa de Ávila”, “Nos castelos da impureza”, “Lembranças”, “A aura pervadiu”, “No pelourinho”, “Secretamente une os seus rasgos”, “Qual é teu nome hebraico” e “O grande dia”. Marcada pelas obras da espanhola, ela se voltou para os fatos da vida e a mitização da judaidade de Santa Teresa.

As reflexões de Octavio Paz sobre a poesia ajudam-nos na leitura de Halevi. Diz o autor mexicano que “os estados de estranheza e reconhecimento, de repulsa e fascinação, de separação e reunião com o Outro, são também estados de solidão e comunhão conosco mesmos” (p. 145). É desta forma que começam a troca e a apropriação dos sentimentos do passado. A poeta assume alguns quadros da vida da Santa,

*“Estremece em minha pele  
algo das imagens de nosso passado  
selaram [gravaram] em tua memória  
quais [algo] de tuas raízes”  
(Santa Teresa de Ávila, p.11)ᶜ*

Deve-se notar que não só ocorre uma comunhão, a assunção de que o passado é comum a ambas e, conseqüentemente, também as imagens o são, mas a forma como isto se passa; a primeira linha deste primeiro poema, “Santa Teresa de Ávila”, vai indicar que as sensações são estranhas, sensoriais, ou, ao menos, passam em primeiro lugar pelos sentidos e que, mais do que apontar para medo, a sensação de calafrio conduz a uma tênue linha de sensualidade que estará presente em diversos momentos das poesias da autora israelense. O passado comum assumido na poesia proporciona a possibilidade de um diálogo muito mais próximo entre ambas as mulheres, que permite, então, uma intimidade que, se não fosse desta forma, seria de difícil realização. A segunda pergunta que ela faz à interlocutora, formulada de forma incompleta, “quais de tuas raízes”, é sobre a lembrança das origens, e a ela, acrescentamos na leitura do original hebraico, a parte faltante da frase, o verbo, *nechtemu*, [gravaram-se, selaram] presente no verso anterior; pode-se, por um instante, então, refletir nos diversos sentidos do verbo *necham*: fechou-se, completou-se, gravou-se, selou-se, encerrou-se, assinou-se. Com isto, temos a constatação, formulada pela autora, ainda que em forma de pergunta, da força da permanência destas raízes, da impossibilidade de se liberar delas. Podemos ler a pergunta igualmente sem o verbo, e então ela seria apenas “quais são as tuas raízes?”.

A segunda estrofe deste poema, denominado simplesmente “Santa Teresa de Ávila”, promove mais uma etapa de aproximação, desta vez através das cores e esplendor da natureza espanhola que a poeta identifica com os do passado ou, ainda, uma indicação de quais eram as suas raízes – raízes da terra. A estas serão contrapostas, na terceira estrofe, as visões de Jerusalém ou da Galiléia. Espanha e Jerusalém são colocadas lado a lado pela natureza semelhante e pelas raízes judaicas que fluem no sangue. Por fim, sem naturalmente esperar obter uma resposta, o que temos é que a autora, abandonando o questionamento, demonstra que ela própria sonha com a possibilidade de escapar das agruras de sua terra, para uma fortaleza, a um silêncio puro. Pode-se afirmar que, desta forma, a autora parece assumir o auto-conhecimento, a comunhão consigo mesma mencionados pelo autor mexicano.

*“A experiência do poema se dá na história, é história e, ao mesmo tempo, nega a história”*, diz Paz (p. 51). Ela revive uma imagem, nega uma sucessão, reverte o tempo, serve de mediação.

Os poemas de Halevi a que estou me referindo estão espalhados através do livro como se para proporcionar um intervalo entre perguntas sobre as considerações que vão se aprofundando para poder atingir o âmago da colocação de como uma descendente de cristãos-novos enfrentou ou pôde enfrentar a identidade assumida de carmelita. Uma tentativa de resposta àquela figura histórica pode representar também uma resposta para os cristãos-novos de hoje. Halevi usa, como título do seu livro *Hatirá hapnimit* [O Castelo Interior], o subtítulo que Santa Teresa usou. Porém, enquanto Teresa está se referindo à alma cristã, Halevi está tratando da alma daquela que teria sido judaizante enquanto se apresentava como devota cristã e, mais em particular, da mulher, passível de abusos maiores, como o estupro ou a prostituição forçada. O título espanhol do livro de Teresa, *Moradas*, é seguido por *Castillo*, e, daí, Halevi, na retomada daquele universo, passa para um terceiro substantivo do campo de

habitações, *Heichal*, [castelo], no sentido de santuário, que vai dar o nome à segunda das poesias, *Beheichlot hatum 'a* [Nos castelos da impureza].

*Heichal*, e seu plural *Heichalot*, representa um conceito básico da tradição mística judaica mais antiga, onde as moradas também são em número de sete, sendo que a ascese tem início pela repetição dos nomes divinos, até que se atinja a visão da *Merkavá*, a carruagem divina derivada do livro de Ezequiel. Halevi, porém, destina a palavra *Heichalot*, castelos, a um conceito não de ascese, de elevação espiritual, mas soma-a a parte da expressão *mem tet shearei tum 'á* [os quarenta e nove portões do suplício/impureza]<sup>1</sup> e daí temos o nome da segunda poesia, *Beheichlot hatum 'á*, que conduz aos sofrimentos que uma judaizante teria pela alma dividida entre aparentar ser uma pessoa enquanto sua fé ancestral tinha que ser oculta. Novamente, através de perguntas, a poeta deseja descobrir segredos e sentimentos, desta vez num espaço mais restrito, o mosteiro das carmelitas. O título da poesia, “Nos castelos da impureza”, indica claramente que a escolha do mosteiro não podia conduzir à salvação, somente aos suplícios. Não esquecendo que ante o louvor das multidões, a santa está só, o poema conclui com um apelo à consciência antepondo o título de *kdoshá* [santa], pronunciado pelos inúmeros seguidores, ao grito interior que Teresa exclama para si de *kdeshá'* [prostituta]; deve-se frisar que ambas as palavras têm uma raiz comum; revive-se uma imagem, a de aclamação popular da santa, a padroeira da Espanha, mas faz-se reverter o tempo para conduzir a uma revisão dos conceitos. Como ela poderia se aceitar como uma santa quando o âmago da própria alma clama que o papel que ela cumpria era de prostituta, *kdeshá*, deste santuário? Também nesta poesia sente-se a linguagem da sensualidade, pois mesmo que seja o seu “espírito clamando”, ao especificar “nudez do teu espírito”

*“E quando te chamaram de santa  
Santa Teresa  
ouviste a nudez de teu espírito gritando  
prostituta! prostituta?”  
(Nos castelos da impureza, p. 13)*

penso que não só a sua alma clama pelo papel que se atribuiu ou lhe atribuíram, mas pode-se perceber a alusão à própria carne, aos instintos e ao pudor em choque. A repetição, por duas vezes, do grito interior na última linha, uma com ponto de exclamação e a outra com ponto de interrogação, aponta para o tom de surpresa de Teresa por compreender que seu íntimo a acusa pela incredulidade de perceber, atrás do epíteto de santa, o verdadeiro significado disto para uma judaizante e, por fim, que seu corpo carnal reage a isto como mulher, diversamente da aparente assexualidade do título e da posição perante a igreja.

“O poema”, diz Paz, “se apoia em linguagem social ou comunal; a palavra, em si mesma, é uma pluralidade de sentidos. O aspecto que se pretende entender, é como as palavras deixam a esfera social e passam a ser palavras do poema”. (p.70-72). Examinando o terceiro poema da série, *Hazichronot*, [As lembranças] verifica-se que, num novo apelo à tomada de consciência, a poeta parte para jogos de palavras e de contrastes de diversos níveis, através de vocábulos com múltiplos sentidos, que sugerem alusões a quem foram os perpetradores dos diversos tipos de abusos e também à saída desta situação, sem, contudo, mencionar seu nome.

*“Quem visitou o berço de teus cachos  
nas noites úmidas da pedra  
qual é o significado do que surge da necromancia de teus sonhos?”*

*Rostos  
mãos, navalhas  
brilham no verde de baixo  
tramadores de crueldades em tua carne*

*Voltam e ocultam-se na sobra dos mantos*

*O que fizeste nas visões da escuridão  
Teresa  
Quando teus olhos pesaram*

*Ergue velas  
expulsa morcegos  
que voltam e visitam  
a torre*

*Tua inocência foi roubada às margens dos caminhos  
quantas formas de estupro  
te trouxeram aqui  
minha irmã.”  
(As lembranças, p.16)*

Assim, monges aproveitadores e covardes e seus atos são sugeridos pelas palavras das segunda e terceira estrofes: “mãos”, “navalhas”, “tramadores de crueldade em tua carne”, “ocultam-se na sombra dos mantos”, (p. 16) abrangendo desde abusos físicos a mentais. Na proposta de “acender velas” e “expulsar os morcegos” que se segue, fica patente que, neste contexto, isto significa o esclarecimento, a expulsão da fé que a ronda como morcegos que sugam o seu sangue, a sua alma. Não é por acaso que os monges (ou a própria igreja) são apresentados como sombra, inicialmente, e aí temos as diversas imagens utilizadas,

“necromância”, “sombra”, “mantos”, “escuridão”, culminando com os “morcegos”, que sempre voltam e “visitam”, no primeiro verso do poema, “o berço de teus cachos” e, quase no final, o *tziach*, a “torre” onde ela se encontra confinada. Em meus ouvidos ecoam algumas palavras que o poema sugere: *tziach* [torre] me sugere o substantivo praticamente homógrafo em hebraico, *tzrichá* [grito], mesmo que originalmente esta palavra não seja mencionada; a ausência do grito expresso, ao contrário, transparece de um silêncio tumular da mulher que foi abusada<sup>5</sup> e cujo grito se calou, cuja vida se passa no campo da noite, solidão e escuridão. *Alatá* [escuridão] (segunda estrofe) me conduz à palavra *atalef* [morcego]; os sonhos [*halomot*] (terceiro verso) que são pesadelos, porque a igreja e seus sequazes a atormentam, ressoam na última estrofe, num presente, na condição atual, no advérbio *halom*,<sup>6</sup> depois dos abusos sofridos e dos quais não há retorno.

“A revelação poética”, segundo Paz, “*implica uma busca interior; é uma busca que não se parece em nada com a introspeção ou análise; mais do que busca, é uma atividade psíquica capaz de provocar a passividade propícia à aparição das imagens*” (p.77). Quando Halevi termina o terceiro poema da busca interior, dirigindo-se à sua interlocutora como *ahoti* [minha irmã], temos um passo a mais na apropriação das dores, sentimentos e busca pertinentes à espanhola. As imagens que se seguem no quarto poema, *Hahilá pastá* [A aura pervadiu], baseiam-se em fortes contrastes que vão da bíblia à perseguição sofrida pelos judaizantes na Península Ibérica. De forma mais intensa, é a figura feminina que é o foco principal.

*“Amarradas nas margens do caminho  
o cutelo  
feriu sem piedade  
Por que tardaram os anjos?  
O que restou de ti  
da pureza que existiu  
e para onde irás  
Teresa de Jesús”  
(A aura pervadiu, p. 18)*

A primeira das imagens faz uma referência óbvia à história e quadros do sacrifício de Isaque, mas transcreve-os de forma a subverter os motivos do relato bíblico. Aqui ela não está atada num altar, o cutelo sim golpeia e não há misericórdia, os anjos (aqui, no plural), não vêm. E o motivo para este sacrifício?

*“Vingar a ofensa de teu povo quiseste  
vingar a tua ofensa  
da profundidade,  
mas a aura espalhou-se em ti  
como a doença da lepra  
a fuligem da fomalha do auto-de-fé  
contamina (profana) o ar da tranqüila Ávila  
e água purificadora não há”  
(Idem)*

Aparentemente sacrificar-se ou ser sacrificada pela sua igreja, num ato de vingança pela vergonha do seu povo e, mais do que isto, pelo ultraje sofrido como mulher; se não pôde ser mulher plena, com o frescor da juventude, apresentou-se como mulher da igreja para então vingar-se de dentro da própria ordem, engrandecendo-a, tornar-se santa com a aura comparada ao parasita e à lepra, pois foi a estas sensações de punição e sofrimento que a inquisição a levou.

Dos relatos referentes a Teresa de Jesus, a partir de várias fontes, sabemos que, aos sete anos, movida por lendas e influenciada pelos livros de cavalaria que abundavam então, partiu com o irmão Rodrigo para sofrer privações e martírios nas mãos dos mouros. A aventura pouco durou; a lembrança dela é um monumento em Ávila, *Los Cuatro Postes*. Sofreu, sim, anos mais tarde, quando, devido a doenças não explicadas, somente pôde se arrastar de quatro e passou por tratamentos torturantes de um curandeiro. Isto ocorreu anos após ver frustrado pelo pai um caso de paixão com um primo. Vida de mulher, vida de freira, vida de anseio por práticas judaicas mesmo que já diluídas nos anos de convento, não se pode saber a medida da referência que a poeta faz delas. O halo de freira que pervadiu como parasita e lepra é paralelizado à fuligem da fomalha do auto da fé que conspurcou a tranqüila cidade de Ávila. Não restou à freira senão escolher ocultar os segredos nos mosteiros que ergueu. O jogo de palavras da segunda estrofe,

*“Então estabeleceste uma ordem  
que ordem tinhas, em tua ordem  
o que escolheste  
e quem conhecia o teu segredo?”  
(Idem)*

*sod, seder, misdar*, [segredo, ordem, ordem religiosa] mesmo que apresentado através de perguntas, fica no campo das indagações retóricas: os segredos de Teresa continuarão sendo segredos. O que é público, porém, a conspurcação do ar, causada pela fomalha do auto da fé, não pode ser ocultado e não há água que o purifique nem à igreja. E, com um arripio, percebe-se aqui a menção óbvia a fomalhas mais recentes que conspurcaram o mundo e a humanidade.

A imagem do sofrimento, castigos e dos segredos se estende ainda ao quinto poema, *Bessad haínuim* [No pelourinho], em que é incluída a personagem do confessor, Juan de la Cruz, também ele cristão-novo. Já não há perguntas neste poema; há a constatação de que mesmo com as confissões cristãs, ela não está livre das garras do inquisidor que considera perigosos até mesmo os seus sonhos.

*“Descalça te mortificas  
com a dúzia de tuas irmãs  
e Juan de La Cruz  
teu confessor, teu confidente.*

*Mesmo que não seja pela lei de Moisés  
és sempre suspeita  
todos os teus amores  
no pelourinho dos suplícios  
o inquisidor e seus torturadores  
apreciam os teus segredos  
pois teus sonhos também são  
perigos.*

*Juan de la Cruz  
(cristão novo também)  
pega em tuas mãos, fortalece  
as tuas mãos  
canta para ti a respeito  
da escuridão da noite  
para que tua alma se purifique  
nela  
e como  
por fim  
El Señor  
te redimirá.”  
(No pelourinho, p. 19)*

Uma pergunta que se faz sobre as conseqüências da Inquisição é, como, quinhentos anos após o seu início, certas práticas judaicas foram mantidas e transmitidas pelos atingidos pelas imposições daquele tribunal. É sabido que alguns hábitos que se conservaram, pelos quais, durante os anos obscuros da existência daquele tribunal implacável, houve muitas acusações verdadeiras ou falsas, as práticas acabaram se mesclando com aspectos cristãos da vida nos países católicos onde os cristãos-novos e seus descendentes viveram, Portugal, Espanha e suas colônias americanas: roupas limpas, cuidados alimentícios, costumes do luto, dentre outros. Às mulheres coube grande parte da transmissão dos mesmos e sua concomitante ocultação. A escolha de personagens históricos ou bíblicos que servissem de modelo de comportamento, como o patriarca Abraão, por exemplo, é um dos sintomas dos padrões a que se apegaram para prosseguirem fiéis aos seus valores no meio que não os prezava: aquele que é escolhido por Deus e mantém a fé, fá-la vencer, em meio aos conterrâneos idólatras.

Halevi, na sétima poesia da série, *Ma shmech haivri* [Qual é teu nome hebraico] (p. 24), apossa-se da principal figura bíblica feminina que obedece ao mesmo padrão de comportamento de manutenção dos princípios religiosos. Não temos elementos para afirmar se Teresa teria sido alguma vez chamada de Ester, Esterica, segundo o hábito carinhoso do diminutivo espanhol, pela sua mãe, conforme mencionado pela poeta. Neste poema, que tem como pano de fundo a vida de privações da carmelita, que afligiu corpo e alma pensando em benefício do próximo, o que se destaca é o sonho de que voltasse a existir um milagre de Purim, como o mencionado no texto bíblico, para que esta nova Ester, judia em meio aos apóstatas, como sua antecessora bíblica, pudesse evitar o extermínio do seu povo. A transmissão do judaísmo ocorria junto com o leite materno, entre os cristãos-novos, com as cantigas de ninar, devido ao medo constante de denúncias, e através de pequenos grandes detalhes, como o nome secreto com que a mãe chama a filha, ma *shem kará lach imech bamistarim*, e histórias de rainhas, poderosas e vitoriosas, heroínas e, como toda mãe, augurando à sua princesinha que se tornasse tão destacada quando a Ester persa.

*“Que nome hebraico tens [qual é teu nome hebraico]  
Santa Teresa de Ávila  
que nome [com que nome] teu chamou tua mãe secretamente?  
Sobre quem  
te cantarolou baladas  
em noites de amamentação  
tristes?”  
.....  
“E também as tuas jovens jejuaram assim  
uma ordem inteira  
em choro e súplica  
por acaso ainda te lembras, Esterica  
como te cantou tua mãe sobre a rainha dos conversos  
Oh anussá em corpo e alma  
talvez também sonhaste com o milagre de Purim?”  
(Qual é teu nome hebraico, p. 24)*

Batizados à força, obrigados a professar publicamente a fé católica, é sabido que a oração do *Col Nidrei*, o perdão solicitado no dia da expiação, o Yom Kipur, pelas promessas feitas em momentos trágicos e não cumpridas, era o momento mais dramático do ano na vida dos cristãos-novos e mais complexo ainda quando tinham que se policiar para que, durante os suplicios, ou quase à morte, as palavras da oração não lhes escapassem involuntariamente. Em *El dia Grande*, que é como os cristãos-novos chamavam o Yom Kipur, no poema *Yoma Raba* [O grande dia], com que Shulamit Halevi extraordinariamente encerra este ciclo de poesias, o eu-poético implora que Teresa oculte de Jesus o que se passa em sua alma, que não permita que o grito das promessas tomadas a acuse ante o círculo de padres que, mais uma vez são descritos como aves de rapina, que rondam os judeus como demônios para exterminá-los.

*“El dia grande  
vê como os padres  
saem no gesto de água  
como numa dança de demônios  
envolvem os teus irmãos*

*Ajoelhada  
o que açoita a tua alma  
oculta do crucificado  
que passa em teu espírito  
para que não brote em teus lábios*

*Kol nidrei  
Santa Teresa de Ávila  
irmã proibida  
o deus dos hebreus virá  
para liberar todas as tuas promessas”  
(O grande dia, p. 26)*

O jogo de palavras em que *Kol nidrei*, grafado com a letra hebraica *kuf*, e significando a voz ou *som* das promessas, substitui o *Col nidrei*, grafado com a letra hebraica *caf*, significando *todas* as promessas, a voz que deve ser calada, acentua o silêncio a que foram condenados os cristãos novos por cinco séculos. A promessa de que “*o Deus dos hebreus eximirá de todas as promessas*” no final do poema, sugere que agora todas as promessas de todos os cristãos-novos podem ser liberadas e todos os seus gritos podem ser expressos. É, ao menos, a esperança da poeta.

#### **Bibliografia:**

HALEVI, SHULAMIT CHAVA. *Hatirá hapnimit*. Eked, Jerusalém, 1998.  
PAZ, OCTAVIO. *El arco y la lira*. Fondo de Cultura Económica, México, 1993.  
DAVIES, GARETH ALBAN. “Santa Teresa and the Jewish question” in REES, MARGARET A. (ed.) *Teresa de Jesús and her world*. Trinity and All Saints’ College, Leeds, 1981.  
SANTA TERESA DE ÁVILA. *Moradas*. Assírio & Alvim, Lisboa, 1988.

#### **Notas Bibliográficas:**

<sup>1</sup> *Shechiná* – espírito divino.

<sup>2</sup> As traduções das poesias, de minha autoria, foram feitas para ilustrar os temas frisados.

<sup>3</sup> Expressão talmúdica; indica impureza e pecados imensuráveis.

<sup>4</sup> Mulher destinada à prostituição no culto de Baal e de Astarté.

<sup>5</sup> A palavra que corresponde a cristão-novo, em hebraico, é *anús* (fem. *anussá*, pl. *anussim/anussot*). Sua tradução literal é coagido, obrigado. A mesma raiz dá origem ao conceito de estupro, estuprado/a.

<sup>6</sup> As palavras hebraicas são construídas a partir de raízes consonantais; o exercício da troca de posições de consoantes e de jogos de homófonas/quase homófonas e de homógrafas/quase homógrafas são comuns na poesia hebraica.